

CAPITEL DE MÁRMORE BRANCO

Sobre a coluna, na simetria
sob as folhas do acanto
na profusão dos caules e nervuras na
disputa de rendada ossatura,
o perfurado mármore dilui a flor de
um favo de abelhas — capitel mourisco
as taifas muçulmanas irão perecer e
no extremo da península um reino
sob o sol dos mortos surgirá. Revela-se
o obscuro
a seiva irrompe
inunda as veias dos rios.

* Mármore. Séc. XI

CAPITEL LEÕES JUSTICEIROS

Nomeiam
os leões atlantes
grave justiça
suportam o peso do templo
dividem com outros felinos a
transparência da treva, correm o
negro das fendas. Da goela, ramos de videira.

A evasiva sereia
sem motivo de ciúme de quem ou de quê
num lago rodeado de montes tão altos quanto é o céu
vive a íntima água do sonho.
Seres de catecismo culposo habitaram a cidade.
Seguem o desenho que
em Santa Cruz se escreveu
e em S. João, à
humana figura, o desejo — clarão tão escuro
poder tão forte quanto a pedra impura do vivo.

Leões justiceiros elevam-se, laceram entre as garras.
Archotes, a negridão
não é apenas raptora
o deus do visível desce à cidade.

* Calcário. Séc. XII

AS IGREJAS QUE EXISTIRAM EM SÃO JOÃO DE ALMEDINA

Quem escava mais fundo, alcança.
A água sobe à superfície, intocada no
escarnado chão. Em 1064 trazia Coimbra
igreja dedicada a João.
Sesnando, governador, bateu fábrica
nova em 87, sobre a ruína da anterior. O
solo revela outros passos que foram
futuros —
sobreviveu em grandeza desde 1200
S. João de Almedina. No final do século
XVII deu lugar ao templo de hoje.

No rasgado de uma sala, um cúmulo
de areias antecedeu o Imperador
Augusto. Sepulcros de seiscentos
aproximam-se dos nossos dias.
Floração maciça eleva-se da terra, duas
bases cilíndricas —
oásis que sustentou colunas —
consagrada fonte. O tempo em S. João
de Almedina.

* Escavação na Igreja românica de S. João

SÃO JOÃO EVANGELISTA

Rude. Três dedos restam
porção escassa de tronco

rosto agrícola
espiga de trigo na face — O que vem depois de mim é

antes de mim. Sou a folha que não abandona o ramo
quando a flor empalidece.

Estou onde o fogo procura
a agrura dos cardos.

* Calcário. Séc. XII

AGNUS DEI

No recesso escavado

liames de parreira, cachos de uva.
Em lugar estranho entoa,
a lã branca do cordeiro
desce sobre o
o homem. Vem do reino medievo, desce nas lágrimas
de hoje — miserere nobis

em balanceio de magoado passo
sobre um prado
de narcisos amarelos

* Calcário. Séc. XII, finais